

ANÁLISE DA RELAÇÃO COMERCIAL BRASIL-CHINA NA CADEIA DE SUÍNOS NO CONTEXTO DA PSA

Analysis of the swine trade between Brazil and China in the context of the ASF

Autor(es): Luiz Henrique A. Melo ; Raul Pegoraro ; Thiago Bernardino de Carvalho

Filiação: Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) - ESALQ/USP

E-mail : luiz.melo@cepea.org.br ; raulpegoraro565@usp.br ; tbcarval@cepea.org.br

Grupo de Trabalho (GT): GT01 Mercados agrícolas e comércio exterior

Resumo

A China é o maior consumidor de carne suína do mundo, o qual detém também o posto de maior rebanho de suínos. Com o surto de Peste Suína Africana (PSA) ocorrido em 2018 no país asiático, o rebanho foi reduzido drasticamente, desestabilizando o mercado global de carnes, gerando consequências não só para a economia do país, mas também para os principais países exportadores de carne suína, dentre eles o Brasil, o qual saiu como um dos grandes beneficiados em meio a crise sanitária. Dessa forma, o presente trabalho, busca ilustrar as consequências do surto de PSA ocorrido em 2018 e nos anos seguintes na relação comercial entre Brasil e China na cadeia de suínos, analisando o consumo mundial da proteína, produção e exportação entre ambos.

Palavras-chave: PSA; carne suína; Brasil; China

Abstract

China is the world's largest consumer of pork meat, and also holds the position of having the largest pig herd. With the outbreak of African Swine Fever (ASF) in the country in 2018, the herd was drastically reduced, which in turn destabilized the global meat market, generating consequences not only for the country's economy, but also for the main pork exporting countries, including Brazil, which was one of the great beneficiaries in the midst of the sanitary crisis. Therefore, this study aims to illustrate the consequences of the ASF outbreak that occurred during that period and in the years that followed, focusing on the commercial relationship between Brazil and China in the pork industry, analyzing data protein consumption, production, and exports between the two nations

Palavras-chave: PSA; pork meat; Brasil; China

1. Introdução

Segundo a Embrapa (s.d), a Peste Suína Africana (PSA), observada desde o início do século 20 no sul e leste africano e que se espalhou nos demais continentes, é uma doença altamente contagiosa, causada por um vírus composto por DNA fita dupla, pertencente à família *Asfarviridae*. A doença não acomete o homem, sendo exclusiva de suínos domésticos e selvagens, como javalis, e cruzamentos de javalis com porco. Vale destacar dois pontos: o primeiro é que ainda não existe vacina para anular o vírus da Peste Suína Africana; e o segundo, a doença não tem implicações na saúde humana, porém denigre a saúde e o bem-estar animal, além de impactar negativamente os meios de subsistência dos agricultores por ser classificada internacionalmente como uma doença altamente contagiosa e letal para o suíno.

Vale lembrar que, o Brasil não registra casos de Peste Suína Africana desde 1984. Em 1978, houve registro do vírus de PSA no Brasil, que ingressou por meio de sobras de alimentos a bordo de voos oriundos da Península Ibérica, identificado no Rio de Janeiro e que teve caráter de alta virulência e letalidade. A partir desse momento, o vírus se espalhou pela movimentação de suínos vivos e produtos contaminados, resultando em mais de 230 focos, sendo o último registrado em 1981, tendo sido considerada erradicada a doença em 1984 (MAPA, 2022). Mas foi na China, especificamente a partir de 2018, o impacto mais significativo que refletiu no mercado global de carnes, sobretudo a proteína suinícola. Diante disso, o Brasil sendo um dos maiores *players* no cenário mundial em carne suína, identificou uma excelente oportunidade de

intensificar as relações comerciais com esse país asiático, o qual é o foco de estudo deste presente trabalho.

Para a análise de dados referentes à exportação de carne suína brasileira, foi utilizada a plataforma Comex Stat da Secretária de Comércio Exterior (Secex). Quanto aos dados de produção e importação da China, extraíram-se os dados do *United States Department of Agriculture* (USDA). Em relação à análise do consumo per capita de proteína suinícola mundial e nacional, compilaram-se dados também do USDA e da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), respectivamente.

2. Resultados e Discussões

Dentre as principais proteínas mais consumidas no mundo (suína, frango e bovina) nos últimos 20 anos, a carne suína tem sido a mais importante em volume consumido, embora, segundo os dados do United States Department of Agriculture (USDA) (2022), a carne de frango ocupou o 1º lugar em 2020, como mostra no gráfico 1 abaixo.

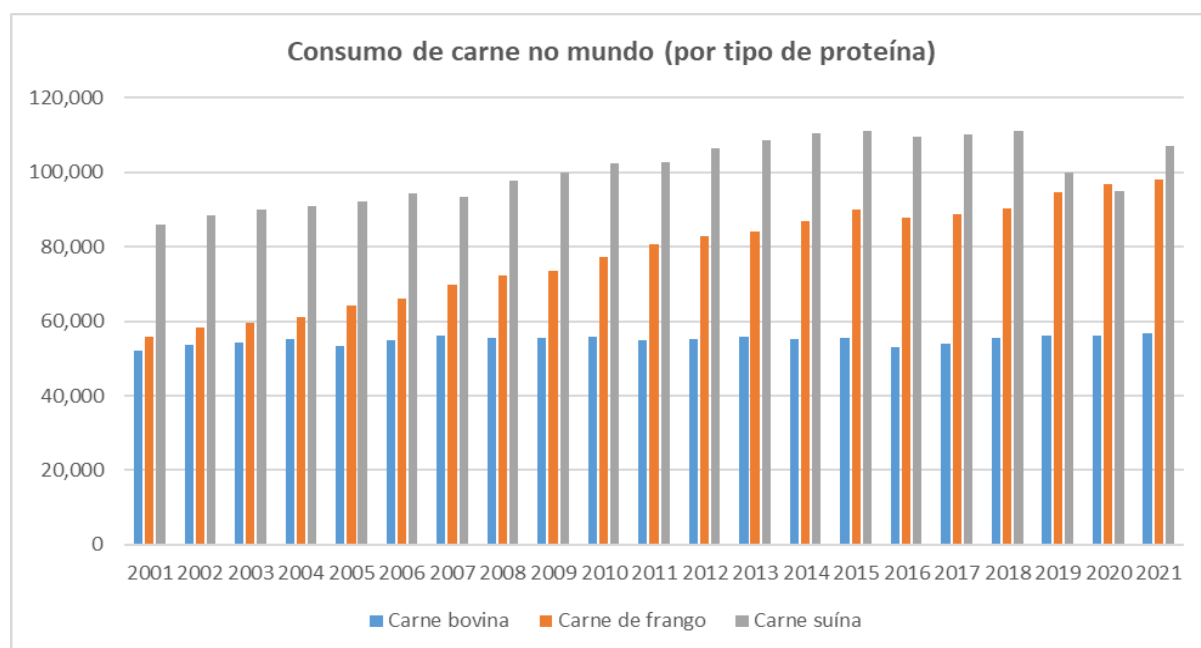


Gráfico 1: Consumo de carne suína, frango e bovina no mundo 2001-2021 (em mil toneladas)

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados do USDA (2022).

Esta troca de posição no ano 2020 - sendo a primeira vez na história, está atrelada a crise da Peste Suína Africana (PSA), que impulsionou aumento na produção mundial de carne de frango para suprir o *gap* diante da baixa oferta global de carne de porco provocada pela crise sanitária (ARAÚJO, 2020).

Para atender à crescente demanda interna e externa por carne suína, o Brasil apresenta-se cada vez mais como um dos grandes produtores no cenário mundial de carne suína. Em 2021, segundo a ABPA (2022), o Brasil produziu 4,7 milhões de toneladas de carne suína, sendo que do total produzido, 75,81% destinaram-se ao mercado interno e 24,19% foram embarcadas para atender os principais parceiros comerciais, sobretudo a China. Ainda de acordo com a ABPA (2022), a produção nacional vai além, estima-se que em 2022 o setor suinícola atingiu a marca de 5 milhões de toneladas (dados ainda sob revisão pela Associação), sendo mais otimistas que o apresentado pelo USDA, como mostra na Tabela 1 abaixo.



Tabela 1: Dados sobre produção de carne suína de 2010 a 2022 (em mil toneladas)

Ano	Estados Unidos da América					
	Brasil	China	União Europeia	Rússia	América	Mundo
2010	3,195	51,384	22,627	1,987	10,186	102,899
2011	3,227	51,316	22,953	2,069	10,331	103,51
2012	3,33	54,435	22,526	2,179	10,554	107,075
2013	3,335	56,183	22,359	2,394	10,525	109,27
2014	3,4	58,208	22,54	2,484	10,368	111,424
2015	3,519	56,454	23,249	2,589	11,121	111,818
2016	3,7	54,255	22,947	2,82	11,32	110,326
2017	3,725	54,518	22,758	2,959	11,611	111,056
2018	3,763	54,04	23,156	3,155	11,943	111,921
2019	3,975	42,55	22,996	3,324	12,543	101,03
2020	4,125	36,34	23,219	3,611	12,845	95,759
2021	4,365	47,5	23,615	3,7	12,56	107,607
2022	4,35	55	22,67	3,8	12,252	113,775

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados do USDA.

Como é observado na tabela acima, de 2018 a 2019, o Brasil intensificou em 5,6% a produção de carne suína, chegando a 3,9 milhões de carne produzidas. Vale lembrar que foi em 2018 que a China teve o seu rebanho prejudicado pela PSA. Segundo USDA (2023), houve uma queda abrupta de 36% do rebanho de suínos na China. Com a drástica redução de animais nesse país devido à doença, o impacto desestabilizou o mercado global de carnes. Diante desse cenário, o Brasil sendo um dos maiores produtores de carnes do mundo, identificou uma excelente oportunidade de estreitar ainda mais as relações comerciais com esse país asiático, como é apresentado no gráfico 2 abaixo.



Gráfico 2: Exportação de carne suína do Brasil para a China, em mil toneladas (2017-2021).

Fonte: Elaborado pelo autor com base na Secex (2022).

De acordo com os dados da Secex, de 2018 a 2019, houve aumento de 54% nas exportações de carne suína para a China. Os números são ainda maiores se considerado o

período até 2021, que registrou avanço de significativos 231% nas compras chinesas dessa proteína brasileira.

Apesar da intensa participação da China na compra da carne suína brasileira, o país já sinalizou a reestruturação de toda a sua cadeia produtiva, adotando estratégias para mitigar novos surtos da doença em seu rebanho, como a centralização da produção e modernização das granjas. Com a recuperação do rebanho, vêm a diminuição de forma gradual da importação da carne no mercado mundial, afetando também de forma negativa o setor suínico brasileiro. Para efeitos comparativos e uma melhor compreensão, de acordo com Secex (2022), de janeiro a dezembro de 2022, o país asiático comprou 460,2 mil toneladas, 13,8% abaixo do acumulado no mesmo período de 2021, que foram 533,7 mil toneladas.

3. Considerações finais

O estudo apresentado analisou a relação comercial entre Brasil e China de carne suína no âmbito da Peste Suína Africana. Foi possível observar a credibilidade da carne brasileira no cenário internacional em relação a biossegurança animal, visto que, a China – maior comprador mundial da carne, é responsável pela maior fatia do total embarcado pelo Brasil para o exterior, que por sua vez, intensificou-se a partir do ano de 2018, período que foi marcado pelo surto da PSA naquele país. Mas que gradualmente vêm recuperando e aumentando gradativamente a produção doméstica atrelado a uma modernização do setor produtivo com o uso de tecnologias de ponta e inteligência artificial para detecção de possíveis novos surtos.

Apesar desta recuperação, as exportações brasileiras para o país asiático devem se sustentar em 2023, tendência essa que está relacionado a questões como conflito no leste europeu entre Rússia e Ucrânia, que elevou as contas de energia mediante ao embargo russo no fornecimento de gás à Europa, afetando países produtores da União Europeia e o Reino Unido, o qual favorece as exportações do Brasil no cenário internacional, especialmente em relação a China. Diante disso, importante destacar diminuição da importação chinesa por carne suína da União Europeia, devido também a efeitos da PSA no antigo continente. Logo, o Brasil se beneficia para suprir o baixo volume ofertado pelos europeus.

Além disso, a desaceleração econômica afetou o setor produtivo da China após ter o setor todo enfraquecido com a combinação da PSA e pandemia da COVID-19, sendo esse último devido as medidas restritivas de política zero contra o vírus. Em relação a PSA naquele país, mesmo com a aceleração do processo de centralização e modernização das granjas, a China ainda não está livre de novos focos da doença em seu rebanho, o qual eventualmente ocorrerá intensificação das compras da carne suína brasileira para atender a sua população local.

Referências

- MAPA. **Plano de contingência para Peste Suína Africana**. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/sanidade-suidea/legislacao-suideos/Plano_Contingencia_PSA_versao_1.0_15_09_2022_final.pdf. Acesso em: 18 mar. 2023.
- EMBRAPA. **Peste Suína Africana**. s.d. Disponível em: <https://www.embrapa.br/en/suinos-e-aves/psa>. Acesso em: 18 mar. 2023
- SECEX. MDIC. 2022. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 25 mar. 2023.
- USDA. Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. 2022. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/advQuery>. Acesso em: 23 mar. 2023.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL. **Relatório anual 2022**. 2022. Disponível em: <https://abpa-br.org/wp-content/uploads/2023/01/abpa-relatorio-anual-2022.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

ARAÚJO, Marcos. **Consumo mundial de carne de frango ultrapassa proteína bovina e suína pela primeira vez na história**. 2020. Disponível em: <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/granjeiros/264834-consumo-mundial-de-carne-de-frango-ultrapassa-proteina-bovina-e-suina-pela-primeira-vez-na-historia.html#.Y8HUWXbMLrd>. Acesso em: 28 mar. 2023.